

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

LIDIO CIPRIANI — *Creta e l'origine mediterranea della civiltà* —
1 vol. de 203 págs., 1 carta e 126 figs. — Firenze, 1943.

Em plena guerra, prestando serviço militar numa divisão italiana que se encontrava em Creta, o ilustre antropólogo de Florença realiza observações antropológicas em Cretenses e publica num jornal de campanha artigos sôbre antiguidades, tipos humanos e costumes da ilha, artigos que, reunidos e ampliados, deram origem a êste volume, tão rico em informes da maior utilidade não só para a etnologia cretense como para a etnologia do Mediterrâneo oriental em conjunto.

O Prof. Cipriani considera os Cretenses actuais como excelentes representantes dos Cretenses da pré-história (a qual não recua ali para além do neolítico), dos Cretenses da época minóica, por exemplo. Na sua opinião, o povoamento primitivo da ilha teria sido feito a partir, não da Europa, mas do Norte de África, especialmente da Líbia, e os elementos da população seriam então, como hoje, predominantemente louros. Não se tratava, porém, em seu parecer, de nórdicos, embora êstes pudessem ter chegado à Grécia, na qual, aliás, hoje os olhos azuis estariam em desaparecimento, não se podendo já identificar os Gregos actuais com os da velha Hélade, de alta e fulgurante cultura.

Segundo o Prof. Cipriani, os Cretenses não sofreram importantes mesclas raciais. As belas fotogravuras que publica não parecem, entretanto, indicar uma forte homogeneidade racial. Há nelas excelentes tipos louros, mas há morenos mediterrâneos, ainda que, segundo o autor, a alta estatura seja predominante. As figuras 88 e 89, postas a par, assinalam, uma, a forte dolicocefalia, outra a forte braquicefalia. Se a primeira pode ser líbica, quasi sub-etíópica, a segunda é um belo tipo armenóide.

Seja qual fôr a conclusão definitiva a que se chegue sôbre as origens daquela população insular, as observações autorizadas do Prof. Cipriani terão de ser tomadas em séria consideração. E o seu livro, em que perpassam as evocações sugestivas do *Octopus* cretense, do palácio de Cnossos com os seus frescos de fama eterna e universal, e de populações que ainda conservam

fisionomias e usanças dos tempos do rei Minos, é lido com interesse palpitante e agrado vivíssimo.

—
MENDES CORRÊA.

LUÍS DE HOYOS SAINZ — **Raciologia Prehistórica Española** — Discurso de recepção na Real Academia das Ciências — Madrid, 1943.

O eminente antropólogo espanhol Hoyos Sainz dá-nos, neste discurso de ingresso na Academia Real das Ciências de Madrid, uma síntese do vasto e complexo problema da raciologia pré-histórica no país vizinho. Dadas as ligações no domínio da pré-história, entre Portugal e Espanha, tem um interesse capital, para nós, êste trabalho.

O A. trata primeiramente das populações fósseis, merecendo-lhe especial atenção os restos neandertalóides da mulher e rapaz, encontrados no rochedo de Gibraltar.

Passa em seguida a analisar a raça do Cro-Magnon e as suas relações com a Península.

O A. não concorda com o critério, seguido até aqui, para a caracterização dos tipos cromagnóides em Espanha. Esse critério tem-se limitado a considerar unicamente os diâmetros ântero-posterior do crânio e vertical da face. O A. entende que deve ser seguido o critério geométrico, o único que nos permite dar uma idéa objectiva da forma e por isso preconiza a representação referida a três eixos de coordenadas.

Esta opinião do Prof. Hoyos Sains vem confirmar as vantagens que sempre notamos na representação gráfica, referida a três eixos ortogonais.

Em seguida, ao tratar do problema negróide na Península, o A. mostra-se partidário da tese do Prof. Mendes Corrêa, sobre a base racial do *Homo afer taganus*, isto é, de que os homens de Muge não se identificam com as raças cromagnóides, como pretende o Prof. Vallois, mas sim com os tipos negróides, constituindo um grupo com afinidades proto-etiópicas ou australóides. Encontra paralelismo no negróide espanhol, especialmente no homem de los Lutueros (Almeria).

O A. dedica-se em seguida ao estudo da Antropogeografia pré-histórica e actual e por último ao futuro étnico da Espanha.

—
HUGO DE MAGALHÃES.

M. W. STIRLING — **The native peoples of New Guinea** — «Smiths. Instit., War Background Studies», Washington, 1943.

Neste trabalho o A. apresenta-nos um estudo sobre a Nova Guiné, uma das regiões menos conhecidas do Mundo e cuja exploração, sob o ponto de vista antropológico, tem o maior interesse. São, esta ilha e o interior da América do Sul, os últimos redutos da idade da pedra conhecidos.

O A. começa por nos descrever a geografia da grande ilha, alguns elementos sobre a sua descoberta e exploração, actual divisão política, seu clima, fauna e produções.

A seguir estuda a população, dedicando um capítulo especial a cada um dos três principais grupos dos seus habitantes: Negritos, Papuas e Melanésios. Os Negritos encontram-se principalmente nas montanhas do interior, os Papuas no interior das terras baixas e na costa ocidental e os Melanésios nas costas Norte e Oriental.

Segundo a opinião do A., a Nova Guiné, pelos seus recursos e grandeza, desempenhará um importante papel no futuro. Três quartas partes da ilha constituem um quasi que íntegro neolítico médio, do mais alto interesse para o esclarecimento de certos problemas da Antropologia e Sociologia. Constitui como que um Museu de História Natural insubstituível para o estudo dos fenómenos sociais do fim da idade da pedra.

Intercaladas no texto acompanham o trabalho excelentes estampas com fotografias sobre a antropologia e etnografia da Ilha.

—
H. M.

MARTIN HAETINGER — **Zur anthropologischen Stellung der Moken des Mergui-Archipels** — Extr. «Zeitschrift fuer Morphologie und Anthropologie», vol. XI, fascs. 2-3. 1943.

Baseado em 17 crânios e 40 fotografias, estudou o A. a população do arquipélago de Mergui, situado na costa da Birmânia. Depois de passar em revista os estudos feitos por outros investigadores nesta mesma população, não só os que se referem propriamente à Antropologia física, como os de Linguística e Etnologia, entra o autor a descrever as observações feitas no vivo, entrando em linha de conta com os conhecimentos da Genética que interessam para a resolução do problema antropológico.

A seguir apresenta os resultados das observações descritivas e métricas colhidas nos crânios, comparando-os com os valores dos Australianos, Melanésios, Mongóis, Negritos, Malaio e Vedas, e chegando às seguintes conclusões:

Tanto a investigação antropológica, como a lingüística e a etnológica levam a admitir que a população estudada procede de um tronco primitivo malaio, com influências vedaicas e negriticas; os resultados dos estudos no vivo permitem supor ainda que as raças originárias são a malaia e a veda embora surjam nítidos alguns caracteres mongóis e polinésios.

De tudo conclui o A. que o material por êle estudado e relacionado com os resultados de trabalhos anteriores leva a crer que esta população forma um ramo malaio que apresenta mais ou menos acentuadamente caracteres vedaicos e protomalaio.

ALFREDO ATHAYDE.

HUGO OBERMAIER — *Streiflichter in das Leben der späteiszeitlichen Rentierjäger der Urschweitz* — Extr. de «31 Jahrbuch der Schweizerischen Gesellschaft für Urgeschichte». 1940.

Trata-se duma conferência que o A. fez na Sociedade Suíça de Pré-história para festejar o 32.º aniversário da sua fundação e onde é estudada a vida do caçador de renas ao terminar a última glaciação.

Descreve a emigração da rena com a mudança de clima devida ao recuo dos gelos para o Norte e alude aos restos daquele animal, que se têm encontrado na Suíça, contemporâneos da última invasão dos gelos, acrescentando que o caçador, durante ela, só ocasionalmente caçava a rena; portanto só a época final da última glaciação tem interesse para o estudo deste assunto.

Menciona o número de restos de rena encontrados com sinais de terem sido caçados e mostra como o caçador procurava a região suíça para caçar a rena só no verão. O homem, para fugir ao frio dessas regiões, abandonava-as de inverno, preferindo as paragens mais amenas do Sul da França.

O A. discute o problema do uso do arco e da flecha, concluindo pela opinião de que o homem só conheceu estes instrumentos no fim do paleolítico, conforme mostram as pinturas rupestres do Ocidente de Espanha.

Por fim tenta o A. marcar, em tempo absoluto, a época em que viveu como nómada a rena na Suíça, sendo de opinião que devem ter decorrido uns 12.000 a 15.000 anos depois das suas incursões pelas margens dos lagos e terras de Basileia.

A. A.

EUGÉNIO JALHAY — O «esconderijo» pré-histórico do Pôrto do Concelho (Mação, Beira-Baixa) — sep. da «Brotéria», vol. XXXVIII, Lisboa, 1944.

Quando em comêço de Março de 1943 se andava construindo uma nova estrada, apareceu a uns 450 m. da ponte do Pôrto do Concelho, a alguns quilómetros de Mação, um esconderijo da idade do bronze, cujo espólio foi recolhido pelo Sr. Dr. Calado Rodrigues e, depois, estudado pelo Rev. Eugénio Jalhay, que nesta bela memória dá a história e relato do achado e os resultados do seu estudo.

O espólio é constituído por foices, lanças, machados de talão, espadas, punhais, argolas, etc., que o A. proficientemente compara com peças de outros esconderijos e doutras estações, concluindo por datar o conjunto arqueológico do Pôrto do Concelho do Bronze III espanhol ou Bronze I atlântico, da classificação de Santa Olalla, o que corresponde ao período de 1200 a 900 a. C.

É de louvar o esclarecido apoio dado pela Junta Provincial da Beira-Baixa e pela Câmara Municipal de Mação a estas pesquisas e à publicação do valioso trabalho.

M. C.

SALVADOR VILASECA — El poblado y necrópolis prehistóricas de Molá (Tarragona). — «Acta Arqueológica Hispánica» — I — Comisaria gen. de excavaciones arqueol. Madrid, 1943.

Na região de Falset (Tortosa), perto da povoação de Molá ou Molar foi explorada uma necrópole pré-histórica de incineração, cujos achados, de cerâmica e bronze, são descritos pelo autor. A cêrca de 60 metros a NO da necrópole estava o povoado que forneceu, com cerâmica, bronze, etc., alguns objectos de sílex e machados de pedra.

A necrópole de Molá é um «campo de urnas» de Hallstatt C (cêrca do séc. VII a. C.). O A. relaciona-a com achados similares da Península e, em geral, da Europa. Não vemos ali a menção do «campo de urnas» de Alpiarça, descrito por nós no «Anuário da Prehistória Madrilena» em fascículo que saiu durante a guerra espanhola. Há também afinidades com a necrópole portuguesa, aliás mais pobre, embora menos homogênea, a não ser que dela se devam destacar algumas peças como de cronologia diversa.

O primeiro fascículo de «Acta Arqueológica Hispánica» aparece ricamente ilustrado, de magnífica apresentação científica e material. Honra o autor do trabalho e o ilustre Comissário das Escavações em Espanha, Prof. Júlio Martinez de Santa Olalla. A ambos as nossas felicitações.

M. C.

AFONSO DO PAÇO & FAUSTO J. A. DE FIGUEIREDO — *Esbôço arqueológico do concelho de Cascais* — Separ. do «Bol. do Museu-Bibliot. dos Condes de Castro Guimarães» — Ed. da Junta de Turismo de Cascais, 1943.

Os AA. fazem uma conscienciosa resenha das estações arqueológicas do concelho de Cascais — um dos mais ricos do país na matéria — desde a época paleolítica até à ocupação muçulmana, inclusive. Uma carta e uma desenvolvida bibliografia acompanham a explanação feita. Como seria para louvar que outros municípios e juntas de turismo do país seguissem tão meritório exemplo, confiando a pessoas competentes a elaboração de roteiros análogos para as respectivas áreas!...

M. C.

ALFRED METRAUX — *The native tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso* — «Smithsonian Institution», 1 vol. de 182 pág. — Washington, 1942.

Trabalho detalhado sôbre os índios povoadores das vastas regiões que se estendem ao longo da fronteira da Bolívia com o Brasil, entre os paralelos 10° e 20°, desde os Llanos de Chiquitos até ao curso médio do Madeira. A exploração da parte mato-grandense desta região está ligado o nome do General Rondon, que, com os seus colaboradores nas várias investidas para a liga-

ção telegráfica entre o Alto Paraguai e Santo António do Madeira, estudou as respectivas populações.

As mais curiosas tribos do complexo xadrez etnológico do interior da América do Sul, cuja cultura corresponde à idade da pedra, são observadas com minúcia, procurando o A. fazer o seu estudo segundo as afinidades lingüísticas. Estuda principalmente os grupos: Yurakare, Moseten e Chiman, Takanan, Panoans, Mojo e Bauré, Chapakuran, Guarayú, Guato, Cariban, Nambikuára, Parecis, etc.

Segundo o A. esta região constitui um verdadeiro Eldorado para os antropólogos e arqueólogos.

O trabalho está documentado com vários mapas e estampas.

H. M.

J. ROZÈS DE BROUSSE & COMTE BÉGOUEN — *De l'Ornementation des jous* — Extr. du t. II des «Mélanges Béguen», Toulouse, 1944.

Numa exposição de folclore em Toulouse o conde Béguen incluiu uma série de peças de madeira com campainhas, usadas sôbre os jugos dos bois por algumas populações rurais das regiões do Garona e do Ariège. Tratava-se sobretudo duma colecção particular, pertencente a M. Pifteau, cujas notas sôbre o assunto são utilizadas por M. Rozès de Brousse.

O conde Béguen recorda, a propósito, os jugos e as cangas do norte de Portugal, que êle próprio viu com interêsse, sobretudo, nas ruas do Pôrto, e resume o valioso trabalho que sôbre a arte desses jugos e cangas foi publicado há pouco pelo nosso ilustre consócio Dr. Armando de Matos, trabalho que já foi assinado na nossa revista (t. X, fasc. 1, pág. 92).

Segundo Béguen, há uma diferença considerável entre as peças francesas referidas e as portuguesas. Estas não têm campainhas. Mas não deixa de ser interessante que aquelas tivessem suscitado tão oportunamente a desenvolvida resenha e o estudo das peças portuguesas em França.

M. C.

C. DE MELO LEITÃO — *História das expedições científicas no Brasil* — 1 vol. de 360 págs. — Biblioteca «Brasília», Companhia Editora Nacional — São-Paulo, 1941.

Desenvolvimento e prosseguimento em relação ao século XX do relatório que sobre o tema indicado no título deste livro elaborara o autor para o Congresso de História do Brasil de 1938 relativamente ao período anterior a 1900. Ninguém mais autorizado do que o ilustre zoólogo Prof. Melo Leitão para versar um tal assunto. E, na verdade, este foi magistralmente tratado.

De preferência às indicações fragmentárias de cronistas, bandeirantes, sertanejos e simples viajantes (que hoje chamaríamos turistas), Melo Leitão ocupou-se sobretudo de expedições verdadeiramente científicas e, sem esquecer as nacionalidades de quem as organizou e levou a cabo, coordenou-as especialmente pela natureza das matérias que visavam esclarecer.

É impressionante o quadro que fornece. Belo e extraordinário país que tanto tem suscitado e suscitará ainda a curiosidade científica! E como é consolador verificar a intensidade do labor desenvolvido nesse campo imenso por portugueses e brasileiros, sem postergar o de holandeses, ingleses, franceses, etc., entre os quais brilham nomes célebres da ciência universal, como os de Darwin, Wallace, Agassiz, D'Orbigny, A. de Saint-Hilaire, etc.

Só uma grande competência e uma nobre imparcialidade, como as do Prof. Melo Leitão, podiam realizar um trabalho tão documentado, tão bem ordenado, tão consciencioso. A história da ciência deve àquêle professor, com este livro, um alto serviço. Mas não é menor o serviço que êle prestou ao Brasil, assinalando os preciosos filões que o país irmão oferece à pesquisa científica e a importância das contribuições de brasileiros para a exploração dessas magníficas riquezas.

M. C.

GASTÃO DE BETTENCOURT — *Alguma coisa de Portugal na alma romântica do sertão brasileiro, na poesia e na música* — O «Instituto», vol. 103.º, Coimbra, 1944.

Gastão de Bettencourt, que em vários estudos e conferências tem já demonstrado o profundo conhecimento da música popular e culta do Brasil, faz, no presente artigo, um belo esboço do folclore poético e musical das várias regiões do sertão brasileiro, especialmente no que respeita à influência nêle exercida pelos

portugueses. O autor cita os estudos de Câmara Cascudo, Melo Júnior, Leonardo Mota, Cornélio Pires, Mariza Lira, e muitos outros autores brasileiros que se têm ocupado desenvolvidamente do populário poético e musical do Brasil. Aludindo, por exemplo, ao sertanejo nordestino, que sempre canta, mesmo quando as secas o constroem a emigrar, recorda justamente a passagem do Prof. Josué de Castro que diz: «O nordeste é, de todo o território brasileiro, a zona que contém maior sentido de tragédia». Tragédia que tem sido vivida, a cantar, como noutros recantos sertanejos do grande país, por tantos portugueses e filhos de portugueses!...

Gastão de Bettencourt, ao mesmo tempo que intensifica em Portugal o afecto que todos votam ao Brasil, cujo «mapa sentimental» desdobra, do modo mais sugestivo, aos olhos dos seus compatriotas, mostra também a complexidade e transcendência do folclore brasileiro, proveniente de fontes tão diversas e tão ricas, num meio de prodigiosa e eficiente variedade, fecundo em estímulos, abundante em temas novos e palpantes.

M. C.

GERHARD LINDBLOM — *African razors. A preliminary study* — «Statens Etnografisk Museum». Stockholm, 1943.

Excelentemente ilustrado, este estudo do notável ergologista Gerhard Lindblom, apresenta um apanhado sobre as variedades de navalhas usadas pelos actuais negros de África.

As investigações do A. estenderam-se a todo o continente negro.

O único exemplar arqueológico conhecido do A., é uma lâmina de bronze encontrada na Rodésia do Sul. Esta região e a Costa de Benim, na Guiné, são as únicas onde tem aparecido objectos de bronze.

Os exemplares da Abissínia e do Adrar, no Sáara, cujas lâminas se recolhem em cabos fendidos, imitam as modernas navalhas de barba dos civilizados.

H. M.

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO — *A ilha verde e vermelha de Timor* — Ed. da Agência Geral das Colónias — 1 vol. de 176 págs. — Lisboa, 1943.

Relato de várias jornadas em Timor, manancial inesgotável de informes geográficos, históricos, naturalísticos, etnográficos,

escrito com elegância incomparável e com extraordinário poder descritivo, trabalho dum observador primoroso, dum espírito altamente culto e duma delicada sensibilidade de artista.

No ponto de vista etnográfico, há no livro do brilhante escritor que é o Dr. Osório de Castro, muita notícia útil e sugestiva. É, pois, de recomendar aos etnógrafos a sua agradável leitura. E está de parabéns a Agência Geral das Colónias por mais esta edição preciosa e atraente.

M. C.

AFFONSO DE E. TAUNAY — Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil — 1 vol. de 300 págs. — São-Paulo, 1941.

O eminente historiador e académico de São-Paulo faz um documentado e valioso estudo de vários aspectos do tráfico de negros africanos no Brasil. Sucessivamente se ocupa dos símbolos e primórdios do tráfico, dos esforços da Igreja para o refrear, das origens dos escravos, da cultura açucareira, dos caracteres etnográficos dos negros introduzidos no Brasil, do formulário oficial seiscentista do tráfico, do papel dos Holandeses neste, dos pombeiros, das jornadas e selecção dos cativos, de muitos documentos sobre o tráfico, da necessidade de importação de africanos no princípio do século XVIII, do aspecto económico e financeiro do problema, dos elementos estatísticos, etc.

Calcula-se o elevado interesse deste volume que traz para a história do assunto materiais valiosos, pacientemente reünidos e estudados pelo ilustre A.

M. C.

BIBLIOTECA